

60 ANOS DO GOLPE: MEMÓRIAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS

“CONTINUAMOS...”

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6a-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos!
– Mario Quintana –
(“Seiscentos e sessenta e seis” ou “O Tempo”)

Continuamos ... a lembrar

Continuamos ... a luta

Continuamos ... pela defesa da democracia

Desde os anos de 1950, países da América do Sul vêm sofrendo as consequências do terrorismo de estado sob seus respectivos governos ditatoriais. Forças históricas antagônicas, postas dialeticamente em rota de colisão, esgarçaram o tecido social desses países. Os regimes militares de exceção foram estabelecidos, por ordem cronológica, nos seguintes países: Paraguai (1954-1989); Brasil (1964-1985); Bolívia (1964-1982); Peru (1968-1975); Uruguai (1973-1985); Chile (1973-1990); Equador (1972-1979); Argentina (o último, 1976-1983); Suriname, antiga Guiana holandesa (década de 1980 a 1991). A Venezuela tem uma história política conturbada e, desde o século XIX, sofreu sob uma ditadura militar que se estendeu por quase um século, que terminou quando a primeira eleição direta para presidente foi realizada em 1947. Na Colômbia, uma guerra civil tomou lugar a partir de 1964, opondo conservadores e socialistas, cujos desdobramentos alcançam o tempo presente. A resistência aos desmandos violentos e autoritários foi articulada, tão logo os diferentes governos sul-americanos mobilizaram a maquinaria de opressão e destruição de direitos e vidas. A volta assimétrica à democracia, nesses países, tem sido problematizada e alcançado diferentes contornos jurídicos, políticos e socioculturais. Em muitos deles, os crimes de lesa-humanidade vêm sendo julgados e punidos, ainda que de forma lenta e gradual. O contexto brasileiro diverge dos demais países, por ter tomado o caminho da “anistia ampla, geral e irrestrita”, o que, de fato, não resultou em justos reconhecimento e reparação para muitas daquelas, daqueles e suas famílias que, em uma estatística subestimada, resistiram à ditadura civil-militar, opuseram-se e foram vítimas de desaparecimentos forçados, torturas ou assassinatos políticos. Em muitos casos, seus corpos ainda não foram encontrados. Minorias como comunidades indígenas, quilombolas, mulheres e LGBTQIA+, em vários dos relatórios que tentaram dar conta dos inomináveis crimes cometidos pelos regimes ditatoriais, foram injustamente desconsideradas. Em memória daquelas e daqueles que lutaram pela defesa da democracia, **“Continuamos...”!**